

JUBIABÁ PREVIU: BALDUÍNO, UM CAMINHONEIRO

JUBIABÁ PREVIU: BALDUÍNO, UM CAMINHONEIRO

ELLEN VENTURINI VICENTIM¹

RENATO BERNARDI²

Resumo: *Jubiabá* conta a história do negro Antônio Balduino que, como todo negro pobre da Bahia-de-todos-os-santos, aprendeu na prática os muitos significados que a palavra luta possui. Quando jovem, seu sonho era entrar em uma briga que lhe fizesse digno de um “abc”. Adulto, porém, passou a notar as injustiças que a vida impunha e, na greve dos estivadores que liderou, percebeu que a luta para a sobrevivência implica mais em resistir do que em ensanguentar o olho alheio. A trajetória de Baldo inspira valorosas reflexões para o campo jurídico. Em maio de 2018 o Brasil se viu em colapso durante alguns dias em virtude da paralisação dos caminhoneiros que reivindicavam providências do Governo Federal a fim de diminuir a carga tributária e uniformizar os valores pagos por seus serviços. O presente trabalho, desenvolvido com esteio no método indutivo, utilizando-se especialmente da revisão bibliográfica e buscando dados contidos em reportagens jornalísticas da época da paralisação, propôs-se a refletir sobre as diferenças entre os processos de conscientização política de Baldo e dos caminhoneiros, além de como ação política popular de maio expôs o problema latente de descrença no sistema representativo gerado pela falta de identificação do povo com seus representantes.

Palavras-chave: *Jubiabá*; greve; ação política; crise de representatividade.

Abstract: *Jubiabá* is a story about the life of Antonio Balduino, that learned in practice the several meanings of the word struggle, just like the black population of Bahia-de-todos-os-santos. When he was a young man he dreamed of getting in a

¹ Pós-graduanda em Direito do Estado pela Instituição PROJURIS Estudos Jurídicos Ltda. (2019). Graduada em Direito pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (2017). Ourinhos, São Paulo, Brasil. E-mail: ellenvicentim@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2071944879763647>.

² Doutor em Direito do Estado (sub-área Direito Tributário) - PUC-SP. Professor efetivo dos cursos de Bacharelado, Mestrado e Doutorado e Membro da Comissão de Coordenação do Programa de Mestrado em Ciência Jurídica, todos da Faculdade de Direito do CCSA - UENP, Campus de Jacarezinho. Coordenador Pedagógico do PROJURIS Estudos Jurídicos Ltda. Procurador do Estado de São Paulo desde 1994. Ourinhos, São Paulo, Brasil. E-mail: bernardi@uenp.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1770829313370872>.

fight that everyone would remember and sing as a popular song. After becoming an adult man, however, he noticed the injustices of life and led a strike that he realize the struggle for life means to resist more than just bleed the other's eye. Baldo's trajectory inspires valuable reflections on the legal field. In May 2018 Brazil collapsed for a few days due to the paralysis of the truckers who demanded Federal Government measures to reduce the taxes and standardize the value of their services. The present work, developed with a focus on the deductive method, using especially the bibliographical review and data contained in journalistic reports of the strike time, proposed to reflect about the differences between the political awareness processes of Baldo and the truck drivers, as well as how popular political action in May exposed the latent problem of disbelief in the representative system generated by the lack of identification between the people and their representatives.

Keywords: *Jubiabá*; strike; political action; representativeness crises.

1 INTRODUÇÃO

Foi pelas cantigas dos negros do Morro que Antônio Balduino conheceu seus heróis. Pelos ensinamentos em nagô do pai-de-santo Jubiabá, Baldo aprendeu a escravidão e a luta. Percorreu toda a região em torno da cidade religiosa da Bahia-de-todos-os-santos e de malandro, menino de rua e boxeador, transformou-se em líder grevista dos estivadores.

Em Jubiabá, Jorge Amado denuncia as péssimas condições de vida dos negros e pobres (todos escravos, independentemente da cor da pele) e revela o doloroso processo de passagem da vida infantil para a vida adulta, apresentando, por meio do amadurecimento de Baldo, o protagonista não tão virtuoso do romance, a tomada de consciência de toda uma população vulnerável e esquecida até então, a classe operária. A aderência popular à greve mostra-lhes seu poder para alcançar suas reivindicações e, ao final de dois dias intensos, o povo sai vencedor.

No Brasil de maio de 2018, parte da classe trabalhadora toma, novamente, consciência de seu poder. Em poucos dias os caminhoneiros se organizam via *WhatsApp* e paralisam o País para que o Governo Federal atenda suas reivindicações: baixa do preço dos combustíveis, criação de tabela mínima de valor dos fretes e a não cobrança de pedágio pelos eixos erguidos dos caminhões, quando vazios.

No entanto, diferentemente do que ocorre na história do herói Baldo, os caminhoneiros não se contentam apenas com o atendimento das primeiras

reinvidicações. Os pedidos agora são variados e a revolta é contra toda a classe política. A população mostra-se desconfiada do próprio sistema representativo, tendo em vista a ausência de identificação entre o povo e seus representantes e os distanciamentos político, ideológico e, inclusive, geográfico entre eles.

A partir da leitura do clássico de Jorge Amado, buscou-se na presente pesquisa, com reflexões sobre o exercício do direito de greve na obra literária *Jubiabá*, analisar o modelo de participação democrático brasileiro, questionando-se as razões de sua (in)eficácia e descrença latente na paralisação dos caminhoneiros.

O método utilizado na pesquisa foi o indutivo, pois partiu-se da investigação de diversas fontes, tais como notícias jornalísticas que cobriram a paralisação do setor de transportes, além de revisão bibliográfica acerca dos conceitos de democracia, participação popular e exercício do direito à greve. O resultado da pesquisa aponta para a gravidade do sentimento comum de ausência de representatividade.

2 A HISTÓRIA E IDEOLOGIA DE AMADO

As raízes de Jorge Amado revelam muito sobre as inspirações de cenários e personagens que residem em suas obras.

Amado nasceu no interior da Bahia no ano de 1912, filho de pai migrante, que saiu do Sergipe para tentar a vida como fazendeiro de cacau. Com apenas dois anos de idade se viu obrigado a deslocar-se com a família para Ilhéus fugindo de um surto de varíola que assolava sua região natal. Na nova residência, cresceu em meio a lutas por poder político, disputas de terra e briga entre jagunços e pistoleiros (Companhia das Letras, p. 80).

Aprendeu a ler e escrever com a mãe, mas, conforme conta Marly D’Amaro Blasques Tooge (2009, p. 29), foi no colégio jesuíta que o padre Luiz Gonzaga Cabral, percebendo seu talento, o colocou em contato com grandes obras clássicas e profetizou seu destino como escritor.

Acostumado à liberdade da fazenda de cacau e de Ilhéus, ainda adolescente, Amado fugiu do internato e passou dois meses conhecendo o interior baiano até que, voltando à Salvador para estudar novamente, foi morar no Pelourinho e, na altura de seus catorze anos, arrumou seus primeiros trabalhos como repórter nos jornais “Diário da Bahia” e “O Imparcial” (Companhia das Letras, p. 80). Durante toda essa jornada, Amado viveu

entre a população mais pobre da Bahia, conviveu com vagabundos, prostitutas e frequentou bares e saveiros que se tornariam peças fundamentais de suas obras.

Por volta dos seus 18 anos publicou seu primeiro romance, *O País do Carnaval*. Mas o envolvimento mais ativo com a literatura começou alguns anos antes, em 1928, quando fundou a Academia dos Rebeldes com alguns amigos (Companhia das Letras, p. 80-81).

Citando entrevista dada à Alice Raillard, Tooge relembra que Amado confessou por inúmeras vezes a importância que a Academia dos Rebeldes teve em sua formação. Afirmou o escritor que ele e seus companheiros buscavam uma literatura que fosse inserida no momento histórico em que viviam, fosse inspirada por sua realidade para transformá-la (2009, p. 30).

Em outro trecho da supramencionada entrevista, Amado afirma ainda:

Mas sem dúvida concorreremos de forma decisiva – nós, os *Rebeldes*, e mais os moços do *Arco e Fecha* e do *Samba* – para afastar as letras baianas da retórica, oratória balofa, da literatice, para dar-lhe conteúdo nacional e social na reescrita da língua falada pelos brasileiros. Fomos além do xingamento e da molecagem, sentíamos-nos brasileiros e baianos, vivíamos com o povo em intimidade (Tooge, 2009, p. 30).

Apesar a proximidade de intenções e valores entre a Academia dos Rebeldes e o movimento Modernista que surgiu na década de 20, após o fim da Primeira Guerra Mundial, Amado negava o movimento por entender que os artistas modernos não entendiam o povo e não o representavam (Tooge, 2009, p. 310).

O autor entendia, diferentemente da maioria de seus predecessores, que a literatura possui um papel social de transformação e não deveria servir para mero deleite das classes altas. Defendia, portanto, a literatura livre e acessível para o grande público e utilizada como forma de expressão do povo, sem academicismos, a fim de libertá-los das amarras da ignorância.

No ardor de seus 22 anos, Jorge Amado encaixou-se com gosto e tino nessa proposta, não importa se de modo deliberado ou não, o que importa é que Jorge Amado aderiu a um movimento coletivo e progressista que queria desvendar as entranhas deste país, policromático na sua epiderme, mas politraumatizado também. Imerso na densa população negra de sua cidade quase natal, zanzando naquele Pelô que lhe contava histórias outras que não as brancas, Jorge decidiu que aquelas vivências exigiam a mereciam a letra de fôrma e a forma narrativa, nem que fosse ao arpejo de orientação modernista de inclinação eurocêntrica. De cara para aquilo que constituía seu

cotidiano e enfronhado nas camadas mais gelatinosas daquele *mix* étnico que serpenteava pelas ladeiras soteropolitanas, Jorge aprendia nos becos o que muitos aprendiam no escritório (Dimas, 2008, p. 337, grifos do autor).

Segundo Tooge (2009, p. 33) enquanto despontava como escritor, Amado conheceu e cultivou amizades com outros artistas da época e políticos de esquerda que possuíam os mesmos ideais que os seus, ingressando no grupo conhecido como Juventude Comunista, durante a Revolução de 1930 e filiando-se ao Partido Comunista Brasileiro em 1932, de modo que a ação política passou a ser elemento constante de suas obras posteriores, como ocorreu em *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá* e *Capitães da Areia*.

Na vigência do Estado Novo no Brasil, teve início a infeliz coleção de prisões políticas e exílios do autor. Uma quantidade expressiva de exemplares de sua obra *Capitães da Areia* foi queimada em praça pública no centro de Salvador, no mesmo ano de sua publicação, em 1937 e novas publicações suas foram proibidas no Brasil por aproximadamente seis anos. Apesar de ter sua literatura renegada no próprio lar, em virtude da conexão do Partido com outros países socialistas, seus romances continuaram ganhando força no exterior, sendo cada vez mais traduzidos (Tooge, 2009, p. 33-34).

Foi eleito Deputado Federal pelo PCB entre os anos de 1945 e 1947 e teve aprovado importantes projetos de lei, dentre os quais um em prol da liberdade religiosa, até que o Partido caiu na ilegalidade novamente e Amado exilou-se na Europa (Companhia das Letras, p. 81).

Em 1956, após muitas idas e vindas da terra natal, e após ouvir as denúncias de prática de tortura pelo líder socialista Stálin, Jorge Amado desligou-se do PCB. O tom político das obras publicadas após essa data é minimizado e o tom humorístico passa a prevalecer, inaugurando o que os críticos costumam chamar de segunda fase da obra amadiana, apesar dos protestos do autor contra tal divisão (Companhia das Letras, p. 82-83).

A militância política tão arraigada na vida pessoal de Jorge Amado caracteriza-se como importante aspecto de grande parte de seus escritos. No entanto, o homem por trás do militante, também deixou marcas muito importantes na extensa obra. Sua vivência juvenil, seus estudos, suas viagens pela Bahia e sua vontade ardente de trazer significado à literatura e de transformar a realidade a sua volta por meio dela estão entre seus principais legados.

2.1 *Jubiabá*

A obra *Jubiabá*, terceira publicação de Jorge Amado, é um grande protesto. Escrita e envolta pela militância política do autor, toda a obra é construída de forma a representar, por meio da trajetória do protagonista, o ideal amadiano de consciência e engajamento político a ser perseguido pela população na reivindicação de seus direitos.

Nesta obra, Amado conta a história de Antônio Balduíno, menino negro crescido no Morro do Capa-Negro. Sem família direta, morou durante a infância com a Tia Luiza e foi educado nas rodas de conversa dos habitantes do Morro. Seus objetivos de vida eram viver da malandragem como Zé Camarão e ser livre e corajoso a ponto de merecer uma cantiga popular chamada “abc”, tal qual aconteceu com Lampião e Zumbi dos Palmares, seus heróis.

Com Pai Jubiabá, no Morro, Baldo aprendeu tudo o que sabia sobre sua ancestralidade negra e sobre o tempo da escravidão. Recebeu, também, as primeiras lições sobre o candomblé, religião praticada pelo próprio autor na qual inexistia a figura do pecado, e que perpassam toda a trajetória do herói, ainda que por vezes tenham sido utilizadas por ele de forma subvertida a fim de que seus anseios fossem atendidos.

Desde sua adolescência até a vida adulta, Baldo foi menino de rua, boxeador, compositor de sambas, malandro, trabalhador de plantação de fumo, estivador, líder grevista e pai. A obra é, pois, considerada um *Bildungsroman*, em português, romance de formação. Em histórias classificadas como tal, o leitor acompanha o desenvolvimento do personagem principal, geralmente jovem, em diferentes aspectos e as transições que enfrenta ao longo da vida.

Na adequação aos trópicos, por sua vez, o protagonista do nosso romance de formação precisa mostrar, primeiro, que é gente. Sua luta, portanto, parte de piso mais inferior, se a ênfase não for ofensiva. Seu piso está lá embaixo. Abaixo daquilo que a convenção social estipula como aceitável: sua glória vem do olho empastado de sangue; sua roupa se troca em lugar de dejetos públicos; seu prazer se busca em mulher de zona (Dimas, 2008, p. 326).

Ao tratar sobre as supramencionadas transições do herói baiano, Antônio Dimas afirma categoricamente que “antes de tudo, Balduíno é um forte. A luta inicial, primeira cena do romance, é simples metáfora de sua condição permanente, cheia de tombos constantes e de pequenas vitórias temporárias” (2008, p. 327).

Mais adiante, declara que:

[...] *Jubiabá* é mostruário de possibilidades ficcionais, no qual se aglomeram, como em tabuleiro desajeitado, dados etnológicos, sociais e históricos, ainda à espera de um narrador mais sereno e menos deslumbrado. O que, cá entre nós, não é de se espantar, aliás, visto que estamos diante de um romancista em formação, assim como seu herói Antônio Balduino, todos os dois confiantes na necessidade de transformação do mundo diante de si. Com *Jubiabá*, a noção de coletivo, predominante nos romances anteriores, cede lugar à trajetória individual, ainda que a conversão de Antônio Balduino não seja muito convincente. Em *Jubiabá*, Jorge Amado ainda está movido mais pela volúpia reformista que pelo humor" (Dimas, 2008, p. 341, grifos do autor).

Para além do que expõe o ilustre comentarista, pode-se concluir, ainda, que o conflito é a matéria-prima trabalhada por Jorge Amado em *Jubiabá*. Para além das significativas situações de enfrentamento físico entre o negro Baldo e seus oponentes, a obra conta com inúmeras situações de oposição: o “olho da piedade” e o “olho da maldade”, ensinados pelo Pai-de-santo, o embate entre o “branco proprietário” e o “negro pobre”, herdeiro apenas da escravidão, o amor sacrossanto cujo objeto era menina Lindinalva e as relações sexuais fervorosas com as negrinhas do Morro e Rosenda Rosedá, o cristianismo de Gordo e o candomblé negro.

Em *Jubiabá* escancara-se o fato de que foram esses conflitos e contraposições que construíram o povo brasileiro miscigenado como é. Portanto, um dos maiores legados amadianos, que atravessa grande parte de suas obras, e tem notável importância na aqui comentada é a exibição crua da sociedade baiana da época, suas dores, cores e alegrias, dando à literatura um papel social.

Por esse motivo, inserir Baldo, o negro malandro e bruto, como herói da narrativa, longe de significar mera coincidência, exprimia o “projeto maior, em pleno andamento, que mirava a valorização da cultura negra” (Dimas, 2008, p. 339), a qual, apesar da indiscutível importância na formação cultural do povo brasileiro, era tão pouco reconhecida em virtude da supremacia branca.

O romance concebido por Jorge Amado representa, então, não somente o desenvolvimento físico, moral e político do seu personagem principal desde a infância até as agruras da vida adulta, como é comum do gênero, e também não se restringe a retratar a sociedade em que está inserido, mas também revela parte do processo de transformação do próprio autor enquanto escritor e ativista político.

2.2 Jornada da consciência de Balduino

Na esteira do explorado acima, *Jubiabá* é um digno representante da categoria dos romances de formação, na qual o leitor acompanha o amadurecimento do protagonista. Enquanto criança que cresceu ouvindo as histórias de seus heróis, Baldo reteve em sua mente somente o que lhe era conveniente e chamativo à época, as confusões, comemorações e lutas, sem atentar-se ao significado histórico e representativo de cada evento.

A medida em que seus passos vão sendo guiados pelos caminhos tortuosos das vidas negras e pobres, porém, a mentalidade jovem dá lugar a uma mentalidade reflexiva e amadurecida.

Se no romance de formação convencional o herói acumula gestos virtuosos como forma de se ajustar melhor aos ideais da sociedade em que vive, Balduino também não deixa por menos. A diferença é que, num contexto de forte desequilíbrio econômico e de inegável prevenção racial, a luta de boxe não é o caminho para atingir o ideal. Nem para simbolizar, com facilidade e clareza, a oposição entre o preto pobretão e o ariano de raça. A luta é, no mínimo, para se fazer gente. Para ser visível, pelo menos (Dimas, 2008, p. 326).

Ainda que de maneira muito rasa, Baldo começa a racionalizar os eventos que se seguem e sente-se triste frente às crises que a narrativa anuncia, a ele e ao leitor. A morte de Viriato, seu companheiro dos tempos em que morou na rua, além do forte significado religioso, traz para o enredo um dos primeiros momentos de reflexão do herói e que se tornarão cada vez mais frequentes:

De repente, no meio de toda aquela gente, Antônio Balduino se sentiu só com o cadáver e teve medo. Um medo doido. Ficou tremendo, batendo os queixos. Se lembrou de tudo: sua tia Luiza que enlouquecera, Leopoldo que fora assassinado, Rozendo doente gritando pela mãe, Felipe, o Belo, debaixo do automóvel, o velho Salustiano se suicidando no cais, o corpo de Viriato, o Anão, cheio de siris que chocalhavam.

E pensou que eram todos eles muito infelizes, vivos e mortos. E os que nasceriam depois também. Só não sabia porque eram tão infelizes (Amado, 2008, p. 95).

A fim de ressaltar esse processo de amadurecimento, o narrador modifica sua postura de acordo com o sentimento do protagonista ou o evento representado. Nos episódios sobre a infância de Baldo, seus momentos felizes e noites de boemia pelos bares da cidade com Gordo, há uma predominância de diálogos curtos, a narrativa possui

maior fluidez e velocidade, e a história é contada pelo próprio protagonista, que conduz o leitor a sentir a mesma excitação.

Nos momentos que se seguem, carregados por reflexões mais profundas, todavia, o narrador deliberadamente cala Antônio Balduino, tomando-lhe a voz e o lugar de fala. A narrativa passa a ser construída quase completamente por fluxos de consciência que a tornam mais lenta e emaranhada. Não é mais o personagem que conta ao leitor seu pensar e sentir, mas o narrador onisciente e onipresente que os interpreta e transmite, fazendo refletir, inclusive, seus próprios pensamentos e sentimentos.

Segundo Orlandini (2014, p. 53):

[...] ainda que por movimentos distintos – ora de afastamento e filtragem, ora de aproximação – percebemos a construção de um narrador que orienta constantemente o percurso de formação político-ideológica do personagem, bem como o sentido geral que anima a obra como um todo. Mais precisamente, quando essa formação se encontra inconclusa, a meio do caminho, o narrador filtra o ponto de vista do personagem para evidenciar seu potencial inato; já quando a formação encontra-se concluída ou em vias de conclusão, as lentes do narrador e do personagem se mesclam, transparecendo uma aproximação que privilegia os interesses daquele.

Nota-se, portanto, que os constantes fluxos de pensamento caracterizadores dos momentos de amadurecimento do herói revelam os ideais políticos de Jorge Amado, que, inspirado neles, construiu toda a trajetória de Baldo e sua luta principal, tornando-as um manifesto contra a realidade bruta do povo baiano, negro e pobre, como é possível ler nas últimas páginas:

Ele julgara que a luta, luta aprendida nos abc lidos nas noites do morro, nas conversas em frente à casa de sua tia Luzia, nos conceitos de Jubiabá, na música dos batuques, era ser malandro, viver livre, não ter emprego. A luta não é esta. Nem Jubiabá sabia que a luta verdadeira era a greve, era a revolta dos que estavam escravos. Agora o negro Antônio Balduino sabe (Amado, 2008, p. 321).

Antônio Dimas (2008, p. 334-335) destaca que a ação política de Baldo é fragmentária, diferentemente da formação política do homem branco, porque construída aos poucos, ante cada novo desafio enfrentado por ele. Para convencer a classe dos estivadores a apoiar os padeiros e condutores de bonde, aprendeu a argumentar. Participou de manifestação na rua, manteve-se firme e bateu o pé nas reivindicações iniciais quando o acordo oferecido não correspondia às expectativas.

Jorge Amado incorporou à personalidade de Balduino a sua própria e concretizou nele seus objetivos. A greve constituiu, em *Jubiabá*, o ápice, tanto da história do protagonista, quanto da mensagem que o escritor quis passar a quem o lesse. A partir dessa obra, o autor revelou a importância da movimentação e unificação popular na busca de seus propósitos, e a possibilidade de ação política por parte de todos os indivíduos, mesmo aqueles formados longe dos bancos da Academia.

As reflexões aqui traçadas acerca da vida de Jorge Amado, das interpretações sobre determinadas passagens da história e sobre o papel do narrador mostram-se de suma importância para a construção de uma base sólida para outras reflexões, agora no campo jurídico, principalmente no tocante à democracia e ao sistema representativo de governo, o exercício do direito de greve e as manifestações populares como forma de retomada do poder do soberano, que serão abordadas no capítulo seguinte.

3 O PODER DO POVO COMO DIREITO HUMANO

De modo bastante resumido, podem-se tecer contornos sobre a definição de democracia a partir da ideia de que ela seria o regime de governo que proporciona uma maior interatividade entre governados e governadores, permitindo que os primeiros tenham condições efetivas de participar da situação política de onde estão inseridos, a partir do manejo de instrumentos de participação direta e indireta nas opções de governo.

Para Luís Roberto Barroso (2015, p. 113) democracia pode ser definida em soberania popular e governo da maioria.

Dalmo de Abreu Dallari (2010, p.151) refere três vertentes principiológicas necessárias para o reconhecimento de referido regime de governo: supremacia da vontade popular, preservação da liberdade e igualdade de direitos.

As transformações do Estado, durante o século XIX e primeira metade do século XX, seriam determinadas pela busca da realização desses preceitos, os quais se puseram também como limites a qualquer objetivo político. A preocupação primordial foi sempre a participação do povo na organização do Estado, na formação e na atuação do governo, por se considerar implícito que o povo, expressando livremente sua vontade soberana, saberá resguardar a liberdade e a igualdade.

No mesmo sentido, Bobbio (2001, pp. 55-56) chama atenção para a necessidade de fixação de um conjunto de regras para a formulação de decisões coletivas em um regime democrático, regulando preliminarmente o desenrolar da práxis democrática ou ‘jogo democrático’:

“(...) por ‘democracia’ se entende um conjunto de regras (as chamadas regras do jogo) que consentem a mais ampla e segura participação da maior parte dos cidadãos, em forma direta ou indireta, nas decisões que interessam à toda a coletividade. As regras são, de cima para baixo, as seguintes: a) todos os cidadãos que tenham atingido a maioria, sem distinção de raça, religião, condições econômicas, sexo etc., deve gozar dos direitos políticos, isto é, do direito de exprimir com voto a própria opinião e/ou eleger quem a exprima por ele; b) o voto de todos os cidadãos deve ter peso idêntico isto é, deve valer por um; c) todos os cidadãos que gozam dos direitos políticos devem ser livres de votar segundo a própria opinião, formando o mais livremente possível, isto é, em uma livre concorrência entre grupos políticos organizados, que competem entre si para reunir reivindicações e transformá-las em deliberações coletivas; d) devem ser livres ainda no sentido em que devem ser colocados em condição de terem reais alternativas, isto é, de escolher entre soluções diversas; e) para as deliberações coletivas como para as eleições dos representantes deve valer o princípio da maioria numérica, ainda que se possa estabelecer diversas formas de maioria (relativa, absoluta, qualificada), em determinadas circunstâncias previamente estabelecidas; f) nenhuma decisão tomada pela maioria deve limitar os direitos da minoria, em modo particular o direito de tornar-se, em condições de igualdade, maioria.”

Não se pode perder de vista, ainda, que não obstante divergências a respeito do assunto, a democracia constitui dogma que resulta da própria condição humana, verdadeira condição necessária ao desenvolvimento integral da raça humana, nos contextos individual e coletivo. Não há como se opor à ideia de que a democracia encaixasse no rol dos direitos humanos; no Brasil, aloca-se, também, como um direito fundamental, haja vista a disposição tipificada no art. 14 da Constituição Federal.

3.1 Manifestações populares e voz

O surgimento da democracia representativa, inicialmente nos Estados Unidos da América, possibilitou a aplicação da democracia em espaços territoriais maiores. Teoricamente, delineou-se uma forma de gestão do Estado, por meio da qual os cidadãos não participam diretamente das deliberações relativas aos interesses coletivos. Ao contrário, o povo, como componente humano, participa da escolha, por meio do voto, de representantes para gerirem o Estado. Essa escolha pode se limitar aos integrantes do

legislativo ou alcançar também o chefe da função executiva estatal, bem como os membros do Judiciário.

Esse modelo de democracia representativa vem se difundindo e se tornou, na atualidade, o parâmetro ideal de regime político, invocado pela ampla maioria dos governantes, que se dizem democráticos, ainda que pratiquem o mais acentuado autoritarismo na gestão do Estado. Assim, por ser um ideal a ser perseguido, a democracia se coloca diante de alguns dilemas que precisam ser enfrentados, como forma de legitimação do seu discurso e garantia de aperfeiçoamento.

Dentre esses dilemas podem ser citados, exemplificativamente, a constante intervenção do Estado na vida do indivíduo em suas mais diversas manifestações, o crescente descrédito nas instituições, a tentativa de se tolher a liberdade de manifestação da divergência e os limites dessa liberdade.

A liberdade de manifestação pacífica da divergência é ponto que merece destaque no estudo da democracia, já que protestos das mais diversas ordens e com as mais variadas reivindicações tomam as ruas nos quatro cantos do planeta.

Em entrevista concedida ao jornal Folha de São Paulo, o sociólogo e jornalista italiano Paolo Gerbaudo, professor da universidade britânica King's College, e um dos principais pesquisadores da onda de manifestações organizadas nas redes sociais, comenta que os manifestantes buscam um novo tipo de exercício de poder, com mais transparência e participação popular.

Da Primavera Árabe ao Occupy Wall Street, os ativistas se definem como integrantes de movimentos de praças. Eles veem praças e ruas como pontos de encontro da sociedade para protestar contra as instituições. O caso brasileiro é mais complexo, porque envolveu várias cidades, mas também houve a ocupação de lugares que simbolizam a nação, como o Congresso.

A noção de povo é a chave para entender esses novos movimentos. A alegação básica deles é que representam todo o povo, e não apenas uma classe, na luta contra um Estado visto como corrupto. Isso os diferencia dos movimentos antiglobalização, que reuniam minorias e tinham um espírito global.

Esses novos movimentos são nacionais, dirigem suas reivindicações a cada país. Isso fica claro numa frase que foi muito usada nos cartazes brasileiros: "Desculpe o transtorno, estamos construindo um novo país."

Na verdade, vivenciamos uma crise de legitimidade das instituições e um profundo mal-estar com a democracia existente no país. Vigora uma descrença nelas que não é

específica do Brasil, mas das democracias representativas de uma maneira geral e especialmente em relação aos partidos políticos. Existe assim uma crise da própria democracia representativa. Essencialmente, os cidadãos não se sentem representados nem pelos partidos e muito menos pelos governos.

A expressão da voz das ruas demonstra um fato interessante. Na maioria dos países democráticos, os cidadãos vêm paulatinamente saindo da pobreza e conquistando acesso ao ensino e às tecnologias da informação e comunicação (TICs). O resultado é uma maior autonomia em relação às estruturas tradicionais de representação e mediação. Os cidadãos tornam-se atores de si mesmos sob o ponto de vista de que criam a informação e participam dela. Essa é a constatação do Professor Álvaro Vasconcelos, do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais de Lisboa (IEEI) no debate do debate “O Desafio da Democracia Participativa: Brasil, Portugal, Espanha”, realizado no dia 26 de fevereiro com a organização do Laboratório Megatendências Globais e Desafios à Democracia do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo.

Com isto, a difusão de poder fragiliza os governos e as estruturas institucionais tradicionais como a mídia, por exemplo. Assim, há um déficit de expectativas com relação ao que os cidadãos desejam e aquilo que os governos e as instituições têm capacidade de atender. Portanto, há um déficit de representação nas democracias modernas.

E, com esse sentimento de falta de representatividade, as pessoas vão às ruas manifestar a divergência que têm das opções do Governo. No entanto, no Brasil, a falta de cultura política leva as pessoas a acreditar que, depois das ruas, seus pleitos seriam imediatamente implementados. Isso é incompatível com a construção política, a mediação e a negociação que fazem com que os eventos das ruas tenham uma continuação. Ainda assim, mesmo com a desorganização política da voz das ruas, é inegável que ela contribui para que ocorra certa deslegitimação do governo e das instituições.

Em paralelo à deslegitimação do governo e das instituições, as manifestações vão ganhando corpo e visibilidade, já que se irradiam pelas redes sociais que permitem que a sociedade se organize de forma mais difusa, especialmente as classes médias emergentes e a juventude das cidades. Isso desorienta os políticos e os velhos partidos,

que estavam acostumados a buscar consensos através dos meios de comunicação de massa.

Nesse ambiente de rápida e eficaz difusão foi que ocorreu, em maio de 2018, a greve dos caminhoneiros, movimento paredista que se espalhou rapidamente pelo Brasil.

3.2 Greve dos caminhoneiros e demonstração da revolta geral contra o sistema representativo

Em maio de 2018 o Brasil foi imerso em um colapso em virtude da paralisação dos caminhoneiros que reivindicavam providências do Governo Federal a fim de diminuir a carga tributária, baixar o preço do diesel e uniformizar os valores do frete no País.

Os caminhoneiros mostraram um lado da população descrente na política institucional como um todo, uma nova faceta de quem cansou do sistema como ele é.

O movimento se iniciou bastante fragmentado e sem pauta específica, haja vista a proporção continental de nosso País, mas foi ganhando cada vez mais força pela disseminação de notícias pelos grupos de *Whatsapp*.

Os manifestantes organizaram-se por intermédio de uma “política de acampamento”. A ideia era ocupar determinados pontos estratégicos das estradas brasileiras e impedir o fluxo de mercadorias. As pessoas envolvidas não conseguiam sair do local em que se encontravam e passaram o tempo uns ajudando aos outros, cuidando da saúde dos manifestantes, auxiliando nas tarefas de higiene, alimentação e cuidados com as mercadorias que estavam nos caminhões. Nesse ambiente, criou-se, então, um processo de politização, que deu aos manifestantes antes não engajados na política a condição de sujeitos políticos no próprio movimento. Nesse ponto do movimento, houve um encontro de pessoas que discutiam se o impeachment de Dilma Rousseff tinha ou não sido um golpe, outras que repeliam Jair Bolsonaro (PSL), então um dos candidatos que mais bem pontuados em pesquisas de intenção de voto, outros que admiravam Ciro Gomes (PDT), além de apoiadores da intervenção militar e de pessoas que começaram a discutir política somente quando pararam na estrada.

Essa diversidade de ideais não atrapalhou o movimento, que só fazia crescer em virtude do fenômeno que se convencionou chamar de sociologia de protestos de viralização: uma heterogeneidade imensa de ideias, fruto desse processo de viralização

das redes sociais. O país foi paralisado durante uma semana por homens organizados em grupo de *Whatsapp*.

Exatamente essa ausência de pauta fechada no movimento espalhado pelo Brasil é o fator determinante para demonstrar que a insatisfação ia muito mais além dos assuntos que originariamente deram origem ao movimento, carga tributária preço do diesel e valor do frete, transformando-se numa verdadeira revolta anti-sistêmica.

E, uma das diferenças em relação a movimentos análogos de épocas anteriores é que em maio de 2018 a revolta tomou conta, também, do interior do País, extrapolando os limites das grandes metrópoles. Difundiu-se pelo País, de forma mais ou menos unânime que o exercício do voto não era bastante para que fossem atingidos os anseios da população. A ideia geral era a de que, uma vez eleito, o representante popular atuaria contra os interesses de seu eleitor, passando a agir em benefício próprios e em daqueles que a ele fossem próximos.

Então, as exigências iniciais - reduzir o preço do diesel e fim da política de aumentos diários da Petrobras, mais os temas posteriormente incluídos, entre outros a não cobrança de pedágio para eixo suspenso, cobrança diferenciada de IPVA para autônomos, nova política de preço para todos combustíveis e saída de Temer da Presidência – foram quase que relegadas a segundo plano e o efetivo saldo do movimento foi a demonstração generalizada de insatisfação e flagrante crise de representatividade política.

Outro fator que demonstra que a pauta extrapolava os assuntos referidos no parágrafo anterior e apontava para a crise na representação política em geral foi a inexistência de uma liderança organizada. Ao menos onze entidades assinaram a primeira tentativa de acordo com governo, mas um número indeterminado de grupos e caminhoneiros autônomos se envolveu nos atos. A categoria, geralmente desmobilizada, conseguiu se unir de forma descentralizada e horizontal, sem líderes claros.

Some-se a isso o fato de que parcela significativa da população passou a apoiar o movimento paredista com o argumento de que a classe política desagradava a maior parte dos brasileiros, insatisfeita com os escândalos políticos de corrupção e desemprego generalizado.

A insatisfação contra a classe política, imersa, em grande parte, em acusações de escândalos e corrupção, passou a alimentar uma certa espetacularização do movimento

grevista. Em diversos pontos do País a imprensa mostrou populares não caminhoneiros levando alimentos, água e cobertores para os grevistas. Tais imagens foram replicadas pela internet e espalhadas pelas redes sociais. O movimento dos caminhoneiros ganhava a simpatia de boa parte dos brasileiros, já descontente com a falta de atendimento de suas necessidades pela classe eleita com esse desiderato.

Pesquisa realizada pelo Instituto Methodus à época, apontou que 86,64% da população de seis estados apoiava a greve dos caminhoneiros desencadeada em todas as regiões do país.³

O mais impressionante é que tudo isso aconteceu com o apoio da classe média conservadora e sob o entusiasmo de partes das esquerdas. A classe média conservadora olhava para as estradas e via ali um movimento saneador, de combate à corrupção. A esquerda via um movimento autônomo dos trabalhadores, um ato de resistência ao chamado golpe.

Era o sinal definitivo de que os caminhoneiros, Balduínos modernos, haviam instalado em todo País o debate sobre os rumos da democracia e a derrocada da representação popular na classe política. O recado foi dado: no Brasil faltam líderes legítimos e com credibilidade!

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira obra de Jorge Amado a ser traduzida para outros idiomas e uma das primeiras a colocar o negro no papel de protagonista, de forma a representar mais coerentemente a realidade baiana, foi escrita durante o período em que o autor esteve filiado ao PCB. Assim, tanto a trajetória pessoal de Amado quanto seu ideal de ação política serviram-lhe de inspiração para a construção de Baldo e dos memoráveis habitantes do Morro do Capa-Negro.

O caminho de Antônio Balduino sempre foi cheio de percalços e cada situação enfrentada o preparou para a concretização de seu grande sonho, a luta digna de abc, transformada em greve, seu *grand finale*.

A fusão de histórias de vida de autor e personagem é percebida pelo leitor por meio da posição do narrador onipresente. Nos momentos de alegria e de festas, o narrador,

³ <https://tvuol.uol.com.br/video/pesquisa-methodus-04020E1A3770DOA16326> - acesso em 05/01/2019.

em geral, restringe-se a apenas contar e interpretar as atitudes e falas do protagonista. Nos momentos de pesar e reflexão, todavia, o narrador costuma calar o personagem e falar em seu lugar, inserindo suas próprias impressões em formas de fluxos confusos de pensamento.

É dessa forma que, no episódio da greve, o narrador transmite muito do que pensava Jorge Amado sobre tais movimentações populares. O narrador, então, ativo em momentos específicos, guia Baldo e o leitor ao longo da narrativa para um caminho de afastamento do uso de força bruta para um caminho de consciência política popular e resistência.

A obra *Jubiabá*, então, conduz a uma importante reflexão acerca dos direitos políticos dos cidadãos e do modelo democrático representativo que o Brasil adota.

Sabe-se que o poder emana do povo que elege seus representantes na expectativa de que protejam seus interesses e ajudem a construir uma nação melhor para todos os cidadãos. A população, portanto, além de eleger seus candidatos, tem o poder de acompanhar seus trabalhos e manifestar-se quando seus interesses não estiverem sendo devidamente perseguidos.

A democratização da tecnologia vem exercendo papel transformador no modo como o cidadão entende e participa da política de modo a possibilitar, cada vez mais frequentemente, a organização de manifestações populares que abrangem todo o país, tal como aconteceu em maio de 2018, com a paralisação dos caminhoneiros.

A movimentação popular, tal qual aconteceu em *Jubiabá*, fez com que o Governo Federal ouvisse uma parcela até então pouco visível ao poder público.

Entretanto, foi possível perceber, a partir da análise que se fez sobre a paralisação de maio de 2018 e em comparação com a obra literária aqui comentada, que em determinado momento as reivindicações dos cidadãos não ficaram mais restritas à pauta inicial de redução dos tributos federais sobre o preço dos combustíveis ou fixação de uma tabela nacional de valores de frete e expandiram-se para o descontentamento geral com outras atividades do poder público.

Concluiu-se, portanto, que diferentemente da greve da Baldo, a greve dos caminhoneiros em maio de 2018 não resolveu o problema específico da classe mobilizadora, mas revelou o gravíssimo problema da deslegitimidade representativa dos

eleitos e da falta de identificação destes com a população, motivando-a a retomar seu poder.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *Jubiabá*. 1. ed. 3ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*; tradução Roberto Raposo; introdução Celso Lafer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.
- BARROSO, Luis Roberto. *Curso de Direito Constitucional*. 5ª ed, São Paulo: Saraiva, 2015.
- BOAVENTURA, Souza Santos de. (Orgs.). (2005). *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- BOBBIO, Norberto. *Qual socialismo?: Debate Sobre Uma Alternativa*. 4. ed. Trad. Iza de Salles Freaza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- CARVALHO, José Murilo. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- COMPANHIA DAS LETRAS (Org.). *Trajectoria de Jorge Amado*. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/pdfs/CL_AliteraturadeJorgeAmado_trajetoria.pdf>. Acesso em: 11 de dezembro de 2018.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. *Elementos da Teoria Geral*. 29ª ed, São Paulo: Malheiros Editores, 2008.
- DIMAS, Antônio. Da Praça do Palanque. Universidade de São Paulo (USP), 2008 In: AMADO, Jorge. *Jubiabá*. 1. ed. 3ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 325-341.
- GUÉHENNO, Jean-Marie. *O Fim da Democracia: um ensaio profundo e visionário sobre o próximo milênio*. Tradução de Howard Maurice Johnson e Amaury Temporal. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- GERBAUDO, Paolo. *Objetivo de manifestações é nova forma de democracia, diz sociólogo italiano*. Jornal Folha de São Paulo, edição de 08/07/2013, <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/07/1307877-objetivo-de-manifestacoes-e-nova-forma-de-democracia-diz-sociologo-italiano.shtml>. Acesso em: 30 de dezembro de 2018.
- INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. “*Manifestações falharam em promover a democracia representativa no Brasil*”, in <http://www.iea.usp.br/noticias/manifestacoes-de-massa-falharam-em-promover-a-democracia-representativa-no-brasil>. Acesso: em 31 de dezembro de 2018.
- MANIN, Bernard. *As Metamorfoses do Governo Representativo*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. nº 29, out. 1995. Disponível em:

<http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_oo_29/rbcs29_01.htm>. Acesso em: 12 jan. 2015.

ORLANDINI, Giovani Buffon. *Engajamento literário em Jubiabá: o horizonte político da classe trabalhadora na posição ideológica do narrador*. 2014. 60 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/115704>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O Contrato Social*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TOOGE, Marly D'amaro Blasques. *Traduzindo o Brasil: o país mestiço de Jorge Amado*. 2009. 189 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguistic And Literary Studies In The English Language, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-22032010-140319/en.php>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2018.